

**Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)**



**Ciências da
Comunicação**

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-204-3

DOI 10.22533/at.ed.043192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 28 artigos que aproximam as reflexões teóricas da prática cotidiana profissional e trazem importantes contribuições para a área da comunicação.

Dividido em três núcleos temáticos, o livro reúne aportes teóricos sobre os movimentos sociais e ações coletivas e apresenta pesquisas referentes à democratização da comunicação, ao papel do jornalismo alternativo na sociedade e às formas de financiamento da imprensa baseadas em novos modelos de negócio. A obra também traz algumas análises de coberturas jornalísticas, uma pesquisa sobre o interagendamento e contra-agendamento midiático de acordo com os conceitos de Maxell McCombs e Luiz Martins da Silva e reforça a importância da crítica para o jornalismo.

A partir do segundo núcleo temático, o leitor encontrará pesquisas sobre o posicionamento da mulher na sociedade e a sua imagem na mídia. As pesquisas discutem a diversidade na perspectiva do gênero, a formação de estereótipos na comunicação audiovisual, os desafios enfrentados pelos imigrantes e a representação de diferentes culturas pelos meios de comunicação. Por fim, o último núcleo temático reúne pesquisas referentes à comunicação organizacional, às estratégias voltadas aos diferentes públicos e às construções discursivas realizadas pelas organizações.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| MOVIMENTOS SOCIAIS E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE NO CASO BRASILEIRO | |
| Carlos Henrique Demarchi | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925031 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| “O JORNAL BURGUEÊS CONSEGUE FAZER-SE PAGAR PELA PRÓPRIA CLASSE TRABALHADORA QUE ELE COMBATE SEMPRE”: FINANCIAMENTO E INDEPENDÊNCIA DE CLASSE NO JORNALISMO SEGUNDO LÊNIN E GRAMSCI | |
| Willian Casagrande Fusaro | |
| Manoel Dourado Bastos | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925032 | |
| CAPÍTULO 3 | 21 |
| DA IMPRENSA SINDICAL PARA A IMPRENSA DE MASSA: INTERAGENDAMENTO E CONTRA-AGENDAMENTO | |
| Alexsandro Teixeira Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925033 | |
| CAPÍTULO 4 | 33 |
| MÍDIA NINJA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES AUDIOVISUAIS, POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS, SOBRE O CASO MARIELLE FRANCO | |
| Valéria Noronha de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925034 | |
| CAPÍTULO 5 | 44 |
| MANIFESTAÇÕES EM MEGAEVENTOS: APONTAMENTOS SOBRE A COBERTURA DO SITE G1 E MÍDIA NINJA DA COPA DO MUNDO 2014 | |
| Milton Julio Faccin | |
| Marcelo Vinícius Masseno Viana | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925035 | |
| CAPÍTULO 6 | 55 |
| ENCHENTES DE 2017 NO RIO GRANDE DO SUL PELOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DE TENENTE PORTELA | |
| Lidia Paula Trentin | |
| Mônica Cristine Fort | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925036 | |
| CAPÍTULO 7 | 67 |
| O MONTE EVEREST EM “NO AR RAREFEITO” – UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DIALÓGICA | |
| Taíssa Maria Tavares Guerreiro | |
| Deivid Santos Vieira | |
| Isabelle Caroline Rodrigues de Sá | |
| Kethleen Guerreiro Rebêlo | |
| Liam Cavalcante Macedo | |
| Marcos Felipe Rodrigues de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925037 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 77 |
| “DANÇANDO SOBRE ARQUITETURA” - DESAFIOS ATUAIS DA CRÍTICA DE MÚSICA | |
| Rafael Machado Saldanha | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925038 | |
| CAPÍTULO 9 | 89 |
| ALBERTO DINES E O PAPEL DA CRÍTICA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA BRASILEIRA | |
| Diana de Azeredo | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925039 | |
| CAPÍTULO 10 | 103 |
| DILMA ROUSSEFF: O PAPEL DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA | |
| Tylcéia Tyza Ribeiro Xavier | |
| Sílvia Ramos Bezerra | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250310 | |
| CAPÍTULO 11 | 117 |
| JORNALISMO, CULTURA E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS MULHERES NAS CAPAS DA ROLLING STONE BRASIL | |
| Luiz Henrique Zart | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250311 | |
| CAPÍTULO 12 | 131 |
| A PRESENÇA FEMININA NO JORNALISMO ESPORTIVO DA TELEVISÃO ABERTA: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “JOGO ABERTO”, DA BANDEIRANTES | |
| Érika Alfaro de Araújo | |
| Mauro de Souza Ventura | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250312 | |
| CAPÍTULO 13 | 146 |
| DIVERSINE, UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA FÍLMICA PARA PENSAR A DIVERSIDADE NA PERSPECTIVA DO GÊNERO | |
| Hugo Bueno Badaró | |
| Thaumaturgo Ferreira de Souza | |
| Maria Lúcia Tinoco Pacheco | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250313 | |
| CAPÍTULO 14 | 155 |
| COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA | |
| Pablo de Oliveira Lopes | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250314 | |
| CAPÍTULO 15 | 165 |
| O HOMEM TRANS NA PUBLICIDADE: UMA ANÁLISE DO ANÚNCIO <i>UNLIMITED COURAGE</i> , DA MARCA NIKE | |
| Nicolau Jordan Girardi | |
| Adriana Stela Bassini Edral | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250315 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 16 | 180 |
| VIOLAÇÃO DE DIREITOS LGBTI+ NA CAMPANHA DA RÁDIO JOVEM PAN PARA O DIA INTERNACIONAL DE COMBATE À LGBTIFOBIA | |
| Adriano Quaresma da Costa Armando Leandro Ribeiro da Silva Esthefany Carolyne Silva da Cruz Karen Isabela Leite Alcântara Matheus Henrique Cardoso Luz Lorena Cruz Esteves Suzana de Cassia Serrão Magalhães | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250316 | |
| CAPÍTULO 17 | 192 |
| EVIDÊNCIAS E SILÊNCIAMENTOS NOS DISCURSOS DE LÁGRIMAS CONTRA A POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO ANTI-IMIGRAÇÃO DOS USA | |
| Magali Simone de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250317 | |
| CAPÍTULO 18 | 208 |
| O IMIGRANTE NO MEIO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO | |
| Benalva da Silva Vitorio | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250318 | |
| CAPÍTULO 19 | 222 |
| UMA DISCUSSÃO SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ | |
| Alcilaine de Macedo Alencar Carolina Fernandes da Silva Mandaji | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250319 | |
| CAPÍTULO 20 | 235 |
| A CULTURA DO SOL NASCENTE NAS TERRAS CAPIXABAS | |
| Rafaela Daima Lima Danielly Veloso Schulthais Andressa Zoi Nathanailides | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250320 | |
| CAPÍTULO 21 | 245 |
| A REPRESENTAÇÃO DOS ASIÁTICOS NA TV BRASILEIRA: APONTAMENTOS INICIAIS | |
| Krystal Urbano Maria Elizabeth Pinto de Melo | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250321 | |
| CAPÍTULO 22 | 260 |
| CULTURA ORGANIZACIONAL PROPÍCIA ÀS POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA IDENTIFICAR OS TIPOS DE CULTURA ORGANIZACIONAL | |
| Maria José da Costa Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250322 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 23 | 272 |
| COMO O <i>OMBUDSMAN</i> DE DADOS PODE REFORÇAR A MULTIDISCIPLINARIDADE NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL? | |
| Wallace Chermont Baldo | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250323 | |
| CAPÍTULO 24 | 284 |
| COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA EM CLUBES DE FUTEBOL DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA: RELACIONAMENTO COM OS PÚBLICOS-ALVO | |
| Karla Caldas Ehrenberg | |
| Ary José Rocco Junior | |
| Carlos Henrique de Souza Padeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250324 | |
| CAPÍTULO 25 | 297 |
| OS PÚBLICOS PROJETADOS: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NA PROPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PELAS ORGANIZAÇÕES | |
| Márcio Simeone Henriques | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250325 | |
| CAPÍTULO 26 | 308 |
| ACESSIBILIDADE E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: PLANEJAMENTO E PÚBLICOS EM UMA CAMPANHA INCLUSIVA PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO | |
| Victor Said dos Santos Sousa | |
| Leonardo Santa Inês Cunha | |
| Lidiane Santos de Lima Pinheiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250326 | |
| CAPÍTULO 27 | 322 |
| COMUNICAÇÃO COTIDIANA DOS VALORES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL: REPRODUZINDO CULTURA NAS REDES SOCIAIS (OU NÃO) | |
| Maria Augusta de Castro Seixas | |
| Emmanuel Paiva de Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250327 | |
| CAPÍTULO 28 | 338 |
| A COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ESTADO DE RONDÔNIA | |
| Edna Mendes dos Reis Okabayashi | |
| Moacir José dos Santos | |
| Monica Franchi Carniello | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250328 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 352 |

O IMIGRANTE NO MEIO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO

Benalva da Silva Vitorio

Universidade Católica de Santos (UniSantos),
Centro de Ciências da Educação e Comunicação
- Santos – São Paulo

RESUMO: Na convivência entre brasileiros e imigrantes em sala de aula, observa-se resistência mútua para se estabelecer comunicação, o que dificulta o processo pedagógico e compromete o exercício da cidadania. Eis, portanto, a reflexão neste trajeto discursivo, a partir de observação participante e entrevista, com objetivo de contribuir para a relação entre Nós e os Outros no contexto conturbado do processo migratório no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: imigração; convivência; meio acadêmico.

THE IMMIGRANT IN ACADEMIA: A CASE STUDY

ABSTRACT: In the coexistence between Brazilians and immigrants in the classroom, mutual resistance is observed to establish communication, which hampers the pedagogical process and compromises the exercise of citizenship. This is the reflection on this discursive path, based on participant

observation and interview, aiming to contribute to the relationship between Us and Others in the troubled context of the migratory process in the 21st century.

KEYWORDS: immigration; coexistence; academic environment.

1 | A ARTE DA CONVIVÊNCIA

No contexto do mundo globalizado, os recursos tecnológicos contribuem tanto para aproximação quanto para afastamento das pessoas que tecem relacionamentos por meio das redes sociais. Geralmente, essas pessoas, principalmente os jovens, sem conhecer com quem se comunicam trocam informações rápidas nos meios digitais a respeito de variados assuntos, colecionando “seguidores”. Quase sempre opinam e discutem de forma superficial, sem o devido conhecimento do que está em pauta.

A esse respeito, Bauman (2004, p. 52) considerou que nos relacionamentos virtuais “não são as mensagens em si, mas seu ir e vir, sua *circulação*, que constitui a *mensagem* – não importa o conteúdo”. Assim, para o referido autor, quem entra nos *chats* para conversar tem “camaradas que vêm e vão, entram e saem do circuito”. Portanto, sem conhecer devidamente uns aos outros, em relacionamentos efêmeros

e “líquidos”, os “camaradas” virtuais pertencem “ao fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação)”. Pertencem “à conversa, não aquilo sobre o que se conversa”.

Nas redes sociais, as pessoas tanto podem promover campanhas de solidariedade, conchamar para a participação em movimentos sociais, quanto eleger e destruir ídolos, manchar a reputação de figuras públicas ou privadas. Geralmente quem está por trás desses procedimentos, sobretudo os malevolentes, tem a ilusão de que está protegido na “comunidade de semelhança”, como Bauman (2004, p. 134) explica a “*mixofobia*”, ou seja, “impulso que conduz a ilhas de semelhança e mesmice em meio a um oceano de variedade e diferença”. Segundo esse autor, a atração exercida por uma comunidade da mesmice está “na segurança contra os riscos de que está repleta a vida cotidiana num mundo polifônico”. Contudo, considera que o abrigo nessa comunidade “não reduz os riscos, muito menos os afasta”, representa apenas paliativo para a segurança de quem teme aprender e preservar a arte da convivência com a diferença.

O meio acadêmico representa oportunidade para que os jovens aprendam a tecer a arte da convivência, a partir da sala de aula. Com essa aprendizagem serão capazes de participar em comunidades reais, onde possam conviver com a diferença, estando face a face uns com os outros. Assim, a universidade, como espaço de produção do conhecimento, contribui para a formação da cidadania, promovendo a convivência e a partilha em relação à alteridade externa, evitando o perigo explicitado por Bauman (2004, pp. 134-135).

Quanto mais as pessoas permanecem num ambiente uniforme, na companhia de outras “como elas”, com as quais podem “socializar-se” de modo superficial e prosaico, sem o risco de serem mal compreendidas, nem a irritante necessidade de tradução entre diferentes universos de significações, mais se tornam propensas a “desaprender” a arte de negociar um *modus convivendi* e significados compartilhados.

Embora o ambiente universitário seja propício para aprender a arte de negociar a convivência e os significados compartilhados, tenho observado em sala de aula situações que complicam o trabalho pedagógico. Por meio do celular, os alunos formam “ilhas da mesmice”, trocando informações desvinculadas do conteúdo curricular. Nesse ambiente, considero que mais constrangedor do que o alheamento ao discurso docente é o isolamento dos alunos imigrantes, o que me levou a refletir sobre essa problemática.

A imigração, que envolve sujeitos em diferentes contextos, constitui problemática que se acentua na atualidade. Portanto, proporciona “condição essencial à realização de investigações científicas e ao avanço do conhecimento”, desde que haja cooperação no meio acadêmico, como explica Gatti (2005, p. 124), enfatizando o papel do pesquisador.

O pesquisador não trabalha sozinho, nem produz sozinho. A intercomunicação com pares, o trabalho em equipe, as redes de trocas de idéias e disseminação

de propostas e achados de investigação, os grupos de referência temática, constituem hoje uma condição essencial à realização de investigações científicas e ao avanço do conhecimento. Para os pesquisadores mais experientes, esse diálogo permanente com grupos de referência temática torna-se fundamental ao avanço crítico e criterioso em teorizações, em metodologias, em inferências. Para os menos experientes, ou iniciantes, é fundamental para sua formação, pois não se aprende a pesquisar, não se desenvolvem habilidades de investigador apenas lendo manuais. Essa aprendizagem processa-se por interlocuções, interfaces, participações fecundas em grupos de trabalho, em redes que se criam, na vivência e convivência com pesquisadores mais maduros.

Convicta na tradição latino-americana de combinar questões de várias ordens, em ações transdisciplinares, a fim de “constituir campos de trabalho a partir de temas, objetos ou problemas específicos”, como recomenda Schwartzman (1992, pp. 191-198), procuro seguir os princípios expostos acima, explorando diferentes objetos de pesquisa, entre os quais a imigração, objeto de pesquisa nos dois Pós-Doutorados que realizei em Portugal, na Universidade de Coimbra (VITORIO, 2007) e na Universidade Aberta de Lisboa (VITORIO, 2015).

Ao conjugar Comunicação e Cidadania no Grupo de Pesquisa que coordeno na UniSantos, procuro desenvolver pesquisas que dizem respeito não somente à satisfação dos direitos para assegurar igualdade, mas também assegurar os direitos à diferença como parte do processo democrático. No que diz respeito à *comunicação*, há urgência, na atualidade, para se compreender com mais clareza a complexidade dos atos comunicativos que contam, narram e constroem histórias. Referindo-se ao trabalho do jornalista, Resende (1999, p. 36) explica que “histórias são relatos, fios que tecem a ação comunicativa e que nela são tecidas pelos sujeitos-artesãos, recriadores do real, construtores do passado, do presente ou de algo maior ainda da contemporaneidade”. O autor justifica que, “na modernidade tardia, contar as histórias do mundo, além de saber contá-las, emerge de uma necessidade de compreensão do próprio mundo em que se vive”. Quanto à *cidadania*, a questão deve ser deslocada da sua dimensão política – “os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território” – para contemplar também as práticas sociais e culturais “que dão dimensão ao pertencimento e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e satisfação de suas necessidades”, como observa Canclini (1995, p. 22).

Considero as instituições de ensino, em todos os níveis da educação, como espaço ideal para propagar o princípio de convivência, promovendo relação entre sujeitos e disciplinas de diferentes áreas do conhecimento para se compreender o Outro, por meio de ações pedagógicas que incluam discussão e reflexão sobre conceitos e problemáticas relacionados aos deslocamentos humanos, que acentuam o drama humanitário no século XXI. Nesse sentido, a problemática que norteou o presente artigo decorre das seguintes questões: como o imigrante universitário estabelece relações no meio acadêmico? Enfrenta dificuldades para conviver com estudantes e professores brasileiros? Consegue acompanhar os conteúdos das disciplinas do curso

que frequenta? Tem facilidade para estabelecer comunicação em sala de aula? Sente interesse dos colegas brasileiros sobre a cultura de seu país de origem? Fecha-se em concha ou abre-se com espontaneidade?

Diante de tais questionamentos, trabalhei com a premissa de que o imigrante universitário, principalmente quem está na categoria de refugiado, encontra dificuldades para a convivência no meio acadêmico. Geralmente, ele é considerado como o Outro, o Diferente, com dificuldade para se aproximar dos colegas de classe e até mesmo dos professores e funcionários. A tendência é o esforço para superar tanto as dificuldades com a língua para compreender os conteúdos das disciplinas quanto às vicissitudes da vida em geral. Assim, sempre isolado no meio acadêmico, reserva-se ao silêncio e à observação.

A motivação para desenvolver esse trabalho foi o desejo de contribuir para a integração do estudante imigrante no meio acadêmico, a fim de despertar interesse para o conhecimento recíproco entre Nós (brasileiros) e os Outros (imigrantes), compreendendo, na prática, a problemática do fluxo migratório na sociedade globalizada. Assim, justifica-se o exercício da cidadania, por meio da comunicação, abrindo os braços e erguendo a cabeça ao acolher e compreender o Outro.

Como docente no curso de graduação em Relações Internacionais da UniSantos, onde sempre há aluno estrangeiro, notei em sala de aula o que coloquei como premissa. Assim, para escrever esse artigo, além da observação participante, recorri à entrevista com sujeitos envolvidos na problemática exposta acima, procurando traçar histórias de vida para contemplar, no sentido de compreender, a trajetória do imigrante. Nas entrevistas, realizadas em agosto de 2017, contei com a colaboração de Rosilandy Carina Cândida Lapa, mestranda em Direito e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cidadania.

2 | IMIGRANTE E CRISE DE IDENTIDADE

Na diferença e não fora dela, na relação com o Outro, são construídas as identidades, inclusive as dos imigrantes. O deslocamento humano faz parte da história da civilização. Por diferentes motivos e condições variadas, há sempre sujeitos isolados ou grupo de nacionais que deixam a terra de origem para fixar-se em outro país. No primeiro momento, enquanto emigrantes, eles sonham com o recomeço, carregando a esperança na bagagem. Depois, na condição de imigrante, tentam superar as barreiras, tentam se adaptar ao meio e aos Outros, na esperança de que as crises, inclusive a identitária, não interfiram em seus propósitos.

De acordo com pesquisadores dos estudos culturais, a crise representa avanço para compreender a identidade como transformação contínua. No caso do imigrante, a relação que estabelece com ele mesmo, com suas lembranças e consciência, o contato com o Outro (o Diferente), promovem mudanças individuais e coletivas em

seu universo. Mudanças como “continuum de transformação” referido por Elias (1998, p. 57), ou seja, a unidade está na continuidade com que uma transformação surge de outra. Assim, o autor considera que a identidade é um processo contínuo, “uma continuidade lembrada – por mensagens, apelos, respostas – e reinterpretadas”.

Em sua trajetória, o imigrante vive o que Hall (2000, pp. 34-46) chama de “crise de identidade” como o duplo deslocamento do sujeito: tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo. Essa “crise”, decorrente das transformações a partir do século XX, alterou as identidades pessoais, como explica o autor. No lugar do sujeito integrado, passou a existir a instabilidade ou “descentração do sujeito”. O crítico cultural Mercer (1990, p. 43) vê na crise identitária “a experiência da dúvida e da incerteza”, porque houve a deslocação do que se supunha “fixo, coerente e estável”.

Tendo que conviver com a diferença, em terra estrangeira, o sujeito pode sofrer a crise de identidade, dependendo da motivação para deixar a terra de origem e a forma de convivência com o Outro no país que buscou para recomeçar sua vida. Ao contrário de muitos pesquisadores que condicionam o fenômeno da imigração ao mercado de trabalho, Vitorio (2015) considera que nem sempre essa motivação é determinante para o sujeito deixar o seu país de origem. As razões podem ser tanto econômica, quanto política, ideológica, étnica, religiosa, cultural, ambiental e até emocional. No entanto, geralmente os imigrantes são classificados como refugiado ou asilado, “rótulos” que estigmatizam as pessoas.

Cabe, então, explicitar a diferença entre conceitos referentes ao processo migratório. Segundo Charleaux (2015), “migrante é toda pessoa em trânsito, que emigra (sai) de seu país de origem e, quando chega a seu destino, é chamado de imigrante (entra)”. Refugiados e asilados são, portanto, nada mais do que categorias de Imigrante. Em Portugal, circula na mídia e no meio acadêmico o termo “indocumentado”, atribuído aos imigrantes que não detêm o título de entrada ou de residência exigido pela legislação. Popularmente, são chamados imigrantes “ilegais”, “clandestinos”, “irregulares” ou “sem papéis”.

Portanto, os estrangeiros que entram em um país com objetivo de fixar residência, por diferentes motivos, são imigrantes. Muitas vezes, contudo, categorizam os imigrantes de forma equivocada por falta de conhecimento, acentuando a exclusão daqueles que procuram outro país para a reconstrução de vida, o que pode dificultar a inserção dos mesmos na sociedade, inclusive no mercado de trabalho.

Nesse sentido, tomei conhecimento, ao escrever esse artigo, do caso referente a um aluno imigrante, no último semestre de um curso de graduação da UniSantos, que não conseguia estágio, requisito obrigatório para se formar. Ele considerou que o motivo não era sua falta de qualificação ou experiência, mas a discriminação por ser refugiado, pois era dispensado ao apresentar seus documentos. Garantiu que não é o único refugiado a passar por essa situação, que se torna mais complicada para os africanos, devido à cor da pele.

Há, no entanto, imigrantes na categoria de refugiado com diploma de curso

superior que, devido à crise econômica no Brasil, se submetem a qualquer tipo de trabalho, inclusive varredor de rua, como Pagotto (2016) descreve a situação de “engenheiros de diversas áreas, professores universitários e até um médico e um psicólogo”, contratados por uma empresa responsável pela limpeza pública de parte da cidade de São Paulo, vinculada no projeto em parceria com o Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo (CATE) e Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes (CRAI). Entre eles, um engenheiro agrônomo alega que no seu país (Congo) é perseguido político e prefere “ser trabalhador braçal vivo aqui do que um intelectual morto na África”. Outro, um psicólogo angolano, justifica que fugiu de seu país porque foi ameaçado por parentes, depois de uma disputa familiar por herança.

Qualquer que seja o motivo para deixar sua terra de origem e recomeçar a vida como imigrante em outro país há sempre justificativa para a escolha, conforme o desabafo de um refugiado congolês no Brasil. “Vocês não sabem a benção que é não ter guerra e ter democracia. Aqui, a presidente [referindo-se ao impeachment de Dilma Rousseff] está saindo e ninguém morreu. No Congo, quando muda o governo logo matam a oposição” (PAGOTTO, 2016).

O termo refugiado se aplica a quem foge de seu país de origem alegando “fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas”, em situações nas quais “não possa ou não queira regressar”, segundo convenção internacional específica de 1951, o Estatuto dos Refugiados. No Brasil, o refúgio também pode ser aplicado em casos de “graves e generalizadas violações de direitos humanos”, de acordo com a Lei 9.474, de 1997.

Enquanto o refúgio é de natureza exclusivamente humanitária, o asilo tem acento mais político com significado amplo nas diferentes culturas, considera Charleaux (2015), lembrando que, juridicamente, o asilo ganhou força na América Latina, nos anos 1960 e 1970, quando perseguidos políticos buscaram proteção em países vizinhos.

Portanto, o sujeito é emigrante no seu país de origem, de onde saiu. Ao chegar ao país de destino ele se torna um imigrante. Assim, de acordo com o dicionário, tanto refugiados quanto asilados podem ser migrantes, emigrantes ou imigrantes. As diferenças dizem respeito à política e ao direito, como explicita Charleaux (2015).

Enquanto a concessão do refúgio depende de um trâmite técnico num órgão colegiado, o asilo pode ser concedido por arbítrio exclusivo do presidente da República, sem que seja necessário embasamento de ordem estritamente legal. É, portanto, uma ferramenta política. Esse aspecto político do asilo é visível no debate que se estende a proteção para além do território do país de abrigo, incluindo também veículos diplomáticos e embaixadas como “território protegido” para o asilado.

Contudo, há que se ter cuidado ao atribuir categorias ao imigrante, considerando-se a subjetividade e até mesmo a “oportunidade” do requerente à concessão do status de refugiado ou asilado. Assim, creio eu, evita-se a difusão de estereótipos do imigrante como vítima de mazelas, o que pode levá-lo tanto à situação de “protegido” em detrimento dos nacionais, quanto à situação de intolerância e até mesmo exclusão

no meio que pretende ser acolhido em busca de uma vida mais estável.

Independente da razão para o ato de emigrar e as formas de emigração, deve-se respeitar a dignidade humana, “quaisquer que sejam as suas crenças ou a sua cor, e qualquer que seja a sua importância numérica”, como defende Maalouf (1999, p. 166). Contudo, o fluxo migratório intenso em um país quase sempre suscita polêmicas, como acontece atualmente com o deslocamento de pessoas da África e do Oriente Médio para a Europa; do Haiti e, ultimamente, da Venezuela para o Brasil. A única saída para esse impasse é reconhecer que cada pessoa deve ser tratada como cidadão de corpo inteiro, quaisquer que sejam as suas pertencas.

Nos dezessete anos da minha experiência como imigrante, em Portugal e Moçambique, aprendi que quanto maior a distância entre Eles (nacionais) e Nós (estrangeiros) mais difícil é a identificação, “podendo a relação tender para formas de rejeição mais ou menos intensas” (RAMALHO, 2003, p. 187). Rejeição que pode criar “as identidades assassinas”, como Maalouf (1999, p. 41) denuncia a redução da identidade a uma única pertença, o que “leva os homens a uma atitude parcial, sectária, intolerante, dominadora, por vezes suicida, e tantas vezes os transforma em assassinos ou em partidários dos assassinos”.

Crítico da separação entre os “nossos” e os “outros”, entre “nós” e “eles”, Maalouf (1999, p. 42) defende a concepção da identidade como construção de “pertenças múltiplas, algumas ligadas a uma história étnica e outras não, algumas ligadas a uma tradição religiosa e outras não”. No entanto, ao considerar a identidade como “aspiração legítima”, esse autor alerta que ela se transforma em “instrumento de guerra”, semeando ações terroristas, cobrindo o mundo de “comunidades feridas” que sofrem perseguições, preservam lembranças de sofrimentos antigos, sonham com vinganças.

Para sair dos conflitos identitários, a solução está no reconhecimento de nossas “pertenças múltiplas”, como recomenda Maalouf (1999, p. 42). Enquanto fui imigrante, nas décadas de 70 e 80 do século XX, ao reconhecer minhas múltiplas pertencas (africano, indígena e português), estabeleci relação de proximidade com os Outros, em diferentes contextos, sentindo-me familiar em terra estrangeira. Mas, nem todos os imigrantes conseguem traçar sua trajetória entendendo que a identidade “não é fixa, é sempre híbrida”, como explica Hall (2003, p. 433), porque consiste de “formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos”.

Assim, procurei compreender no relato de imigrantes universitários histórias tecidas por lembranças expressas por meio das palavras em curso, ou seja, o discurso. Nessa tessitura, observei o sentido do “silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é o mais importante nunca se diz”, porque “as palavras são cheias de sentidos a não se dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas” (ORLANDI, 1995, p. 14).

No movimento entre palavra e silêncio constatei que cada uma das histórias

de identidade está inscrita nas posições que os sujeitos assumem e com as quais se identificam. Posição, por exemplo, assumida por dois dos meus ex-alunos que se identificaram com a problemática desse artigo e, voluntariamente, contaram as suas histórias de imigrantes.

3 | NAS HISTÓRIAS, AS POSIÇÕES IDENTITÁRIAS

Antes de relatar as histórias dos dois universitários, como estudo de caso, convém contextualizar a Instituição de Ensino Superior que eles frequentavam e a relação da mesma com o programa do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR), iniciado na América Latina, em 2003, para capacitar e formar docentes e discentes universitários no campo do direito internacional dos refugiados. O projeto recebeu o nome de Cátedra Sérgio Vieira de Mello, em homenagem ao brasileiro, morto no Iraque em 2003 e que dedicou grande parte de sua carreira profissional nas Nações Unidas, trabalhando no ACNUR em prol dos refugiados.

Pioneira na Região Metropolitana da Baixada Santista no ensino superior, a Universidade Católica de Santos aderiu ao projeto Cátedra Sérgio Vieira de Mello em 2007. A partir de 2012, passou a conceder anualmente três bolsas de estudo a imigrantes refugiados residentes no Brasil, inscritos e aprovados no exame de seleção, para a frequência nos cursos de graduação de quatro anos.

Como imigrantes na categoria de refugiado, os dois entrevistados são bolsistas da UniSantos. Ao receber o convite para contribuir nesse estudo de caso, eles foram devidamente esclarecidos sobre o trabalho, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, agendaram dia e horário para a entrevista. Para preservá-los de possível constrangimento, cada um foi identificado no artigo por duas letras maiúsculas diferentes. As conversas foram gravadas e transcritas na íntegra, de acordo com o roteiro de entrevista em apêndice.

Ao analisar a transcrição das entrevistas, lembrei-me do conselho que ouvi de alguém no tempo em que fui imigrante. “Saudade é olhar o passado. No presente, não há tempo para lembrar, é preciso conquistar o lugar de chegada”. Apesar de não ser fácil dissociar os dois tempos na vida de quem atravessou fronteiras, muitas vezes transgredindo normas e convenções, enfrentando situações adversas para conquistar o seu espaço na vida em outro lugar, segui aquele conselho: mergulhei no presente, apaguei a saudade e esqueci as lembranças. No ano seguinte que cheguei a Moçambique, 1979, passei uns três meses sem dar notícias para minha família no Brasil. Preocupada com o clima de guerra no país, minha irmã telefonou para a Embaixada do Brasil no Maputo para saber do meu paradeiro. Naquele momento, o meu presente representava o futuro: estava grávida do meu filho, que nasceu em África.

Na narrativa dos dois entrevistados, de acordo com o roteiro estabelecido, as

histórias seguiram a linha do tempo, ou seja, do passado para o presente. Assim, por caminhos diferentes, eles chegaram ao Brasil em 2000 e frequentaram o curso de Relações Internacionais: O. G. franco-congolês, 38 anos, bacharel em Direito, Filosofia e Teologia; I. P. sérvio, 38 anos.

No Congo, O. G. foi seminarista e trabalhou como subdiretor da Cáritas Arquidiocesana no escritório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP) e no Word Food Program, da ONU. No final do seu mandato na Cáritas, passou a integrar o quadro de funcionários da ONU, quando começou a guerra no Congo motivada por rivalidades étnicas e disputa por recursos minerais. Como funcionário da ONU a proteger “pessoas vulneráveis”, O. G. foi vítima de ataque na diocese, onde vivia. Com os sobreviventes da diocese, fugiu para a Bélgica. Depois de recuperado dos ferimentos, voltou com os padres para o Congo. Em 1999, acirrou o conflito no país e a embaixada da Bélgica conseguiu resgatar os padres. Como não era belga, embora trabalhasse na ONU, O. G. foi preso por motivos políticos e confinado em um buraco, por tempo que não soube determinar [“uns meses”]. Apanhava todos os dias com chibata, até que o militar responsável pelos presos políticos, “um ruandês forte e alto, um Tutsi”, grupo étnico de Ruanda, reconheceu O. G. como a pessoa que o adotou quando criança. O militar, então, preparou a sua fuga. Do Congo, ele foi para o Burundi, Zâmbia e África do Sul, onde conseguiu asilo político, trabalhou, estudou e retornou à sua congregação religiosa que, por motivo de segurança, o encaminhou para o Brasil, onde inicialmente foi viver na congregação de São Miguel, em Irati, Paraná. Depois mudou para a cidade de São Paulo, quando se inscreveu no vestibular para refugiado na UniSantos.

Já I. P. considera que teve vários motivos para deixar a Sérvia, seu país de origem: envolvimento em manifestações políticas, problemas religioso e étnico na família, alistamento obrigatório para o serviço militar. Sentindo-se ameaçado e perseguido, saiu do país acompanhado do pai. Primeiro foi para a Bósnia, depois Alemanha e, por fim, chegou ao Brasil, em 2000. Atualmente mora na cidade de São Vicente, litoral do estado de São Paulo.

Ao relatar as dificuldades enfrentadas no Brasil, O. G. destacou o desencanto com o país devido à “segregação muito forte” e I. P. criticou a falta de informação aos estrangeiros para conseguir a documentação, conforme transcrição abaixo.

“Visto de fora, o Brasil é bom. Mas, quando você entra aqui, vê que o povo brasileiro é muito discriminador, xenofóbico. Alguns de forma velada, mas discriminam muito. Mesmo em minha casa [o seminário], onde nós éramos 15 religiosos, eu era o único negro e estrangeiro. Quanta discriminação! Eles falavam muito mal de África, dos negros. Tudo de ruim que acontecia dentro da congregação ou do seminário a culpa era minha. Eu nunca tive amigos (O. G.).

“A primeira dificuldade é a mesma para qualquer estrangeiro, que é a língua. Eu não falava nada [de Português]. Então, no começo foi extremamente difícil. [...] Mas, a falta de condições, de documentos, foi a maior dificuldade. Você não tem acesso à

informação e eu acho que ainda hoje continua assim. [...]. Então, a dificuldade maior é conseguir o protocolo [de refugiado] para conseguir ajuda do exterior, da família, por exemplo, pois sem documentos você não consegue abrir uma conta no banco” (I. P.).

Por intermédio da Cáritas Brasileira, organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), os dois entrevistados procuraram a Universidade Católica de Santos, com objetivo de conseguir bolsa de estudo para refugiado em um dos cursos de graduação. Os dois pretendiam cursar Direito, como não conseguiram, optaram por Relações Internacionais, sendo que O. G. frequentou antes um semestre no curso de Tradução, na perspectiva de trabalhar como tradutor jurídico.

Quanto à bolsa de estudo, os dois teceram críticas à falta de apoio financeiro para a manutenção dos bolsistas. Nesse sentido, O. G. desabafou. “Eu era faxineiro e ganhava R\$100,00, me ofereceram uma bolsa de R\$1.500,00 [valor da mensalidade do curso]. Desse valor não vou receber nenhum centavo. Eu chego aqui sem conhecer ninguém, não tenho casa, não tenho emprego, comida ou transporte. Depois das aulas [das 19h às 22h40] para onde vou? Na rua? O que vou comer? Como vou me vestir?”.

Na mesma linha de raciocínio, I. P. considera que há “alguns pontos que devem ser trabalhados sobre o aspecto de suporte, moradia, trabalho, uma integração maior. Não apenas uma bolsa”. Para ele, “este estudo para dar as bolsas não foi feito de forma correta”. E explica: “Você vai deslocar um estrangeiro de São Paulo, ele não vai ter um suporte na cidade, não tem as mínimas condições para sobreviver, muito menos estudar”. Assim, considera a bolsa de estudo “inviável” e recomenda estudos “para comprovar que não traz benefícios para o refugiado, pois ele não consegue sobreviver com a bolsa”. Contudo, lembra a ajuda que receberam [ele e O.G], “depois de muita luta”, do subsídio no valor de R\$400,00, “primeiro da Mantenedora, depois da Diocese, da Cúria. Nos ajuda no transporte ou pagar uma Xerox, o básico do básico”.

Os dois entrevistados consideram que, atualmente, dominam a língua portuguesa. Para O. G. somente o emprego da gíria e o sotaque dos brasileiros dificultam a sua compreensão. Contudo, há diferença na posição dos dois quanto ao relacionamento no meio acadêmico. Enquanto O. G. se sente segregado, I. P. afirma que não sofreu preconceito, como declararam na entrevista.

“Quando eu cheguei [referindo-se ao curso de Tradução], já tinha segregação. Quando tinha trabalho em grupo, ninguém queria fazer comigo, eu estava sempre jogado fora, ninguém queria conversar comigo, parece que eu era um tipo de sujeira, ninguém queria mexer comigo e eu estava sempre sozinho. Aí fui para Relações Internacionais, foi pior ainda. Os alunos não gostavam de mim, até hoje sempre arrumam briga, alguns professores não gostam, eu sou estrangeiro e negro. Para algumas pessoas refugiado é fugitivo e bandido, mesmo na faculdade. Sou excluído, na sala de aula e na universidade. Muito excluído, 90% excluído. Por isso, eu chego, eu estudo, fico no meu canto e, quando preciso responder, eu respondo” (O. G.).

Já I. P. afirmou que não sofreu preconceito por ser estrangeiro ou refugiado. “Talvez coisas pequenas. Só posso dar a minha perspectiva como branco, eu não

sofri preconceito [no meio acadêmico]. Fui representante de classe por dois anos e só reclamei uma única vez [quando não foi convidado a participar do amigo secreto]. Não sei se foi descaso ou sem querer, mas não levei como um preconceito”. Portanto, em sala de aula sentiu-se excluído “apenas naquela situação do amigo secreto”. Quanto ao mercado de trabalho, “aí sim, não sei se por discriminação ou preferência procuram alguém jovem. Tenho vários pontos negativos: eu tenho idade mais avançada [em relação aos colegas de classe], sou estrangeiro, sou refugiado. Então, existe sim dificuldade no mercado de trabalho, inclusive devido ao momento econômico, muita falta de informação e divulgação”.

Nesse sentido, I. P. levanta questões e aponta saída. “O que é um estrangeiro? O que é um refugiado? É aquele que foge? Diante da dúvida, o que diz a empresa? Não”. Portanto, ele considera que a universidade deveria promover palestras, encontros com empresários, para sanar essas dúvidas, abrindo um canal para informar e conscientizar os empresários. “Se tiverem informações, irão encontrar pontos positivos para contratar refugiado. Temos o Porto na cidade, com área de Relações Internacionais, onde os estrangeiros podem ser muito bem aproveitados nas empresas. Há refugiados que falam cinco línguas”.

Os dois universitários declararam não ter dificuldades para acompanhar as aulas. Contudo O. G. disse que encontrou obstáculos com professores, “que me prejudicaram muito”, explicando que eles não consideraram que é estrangeiro com cultura diferente. “Infelizmente, aqui parece que eles não gostam dos refugiados”. Diante de problemas e conflitos, ele disse que não consegue se defender, “pois eu sou estrangeiro, negro e refugiado. Para mim é difícil, eu quero muito ter o diploma, mas de verdade não há convivência”, referindo-se ao meio acadêmico.

A convivência, bem como a identidade, constitui processo em construção: “tijolo com tijolo em um desenho mágico”, como escreveu Chico Buarque de Holanda, em 1971. Mas, para o sucesso da obra é preciso que haja harmonia entre os construtores. No caso da imigração, o êxito implica também conhecimento recíproco entre Nós (os nacionais) e os Outros (os estrangeiros). Assim, será possível evitar que as fronteiras dos países se transformem em “fortalezas”, que se propaguem “as identidades assassinas”. Para tanto, há que se cultivar o respeito mútuo, independente das características físicas, da nacionalidade, dos princípios religiosos, das posições ideológicas dos sujeitos, compreendendo e aceitando as pertencas múltiplas, sem hierarquização ou auto vitimização.

No discurso dos entrevistados, compreendi o funcionamento das relações de sentido, de força e o mecanismo da antecipação, que Orlandi (1999, p. 39) chama de formações imaginárias: um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis; o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz; sua argumentação visa causar efeitos sobre seu interlocutor, que tanto pode ser cúmplice ou adversário. Assim, estrangeiro e negro apontam para xenofobia, discriminação, exclusão; ao falar do lugar de imigrante, suas palavras significam de

modo diferente do que se falassem do lugar de brasileiros, argumentando de forma que prevê cumplicidade na interlocução.

Ao relacionar o que observei em sala de aula com a exposição dos entrevistados, compreendi melhor o comportamento do imigrante no meio acadêmico, inclusive a observação silenciosa, considerando o que diz Orlandi (1995, pp. 69, 162), ou seja, “o silêncio, assim como a linguagem, não é transparente”, [...] “o silêncio é a possibilidade do dizer vir a ser outro”, [...] porque “todo sentido posto em palavra já se dispôs antes em silêncio”.

Na medida em que o imigrante consegue superar as dificuldades com a língua oficial do país em que se instala, ele rompe o silêncio e se apropria da palavra. Em sala de aula, observei que o silêncio dos imigrantes estava associado ao “medo” da língua portuguesa, “a língua do estranho, do outro”, como explica Coracini (2003, p. 149). “O medo pode, em circunstâncias particulares, bloquear a aprendizagem, impondo uma barreira ao encontro com o outro, dificultando e, por vezes, impedindo uma aprendizagem eficaz e prazerosa”. Por outro lado, há aqueles que sentem forte atração para aprender língua estrangeira, que para Coracini representa “o desejo do outro, desse outro que nos constitui e cujo acesso nos é interdito, esse outro que viria completar o um”.

Como sujeitos e sentidos são incompletos e devem estar abertos para se tornarem outros, como diz Orlandi (1995, p. 182), o mesmo considero para esse meu trajeto de reflexão, que não se fecha, mas aponta para o futuro discursivo. Portanto, entrego aos leitores na esperança de que, na construção de sentidos, surjam novos percursos, apontando perspectivas para se traçar caminhos de convivência entre os homens de múltiplas pertencas do mundo globalizado, aonde “chegar e partir são os dois lados da mesma viagem”, lembrando a letra da canção “Encontros e Despedidas”, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CHARLEAUX, João Paulo. Qual a diferença entre refugiado, asilado e migrante. *Nexo*, jornal digital ([HTTPS://www.nexojournal.com.br/expresso](https://www.nexojournal.com.br/expresso)). Dez. 2015. Acesso em 18/8/2017.

CORACINI, Maria José R. Faria. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003, p. 139-159.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GATTI, Bernardete A. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia

e qualidade. **Revista Brasileira de Educação**, nº 30, Set./Out./Nov./Dez. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP7A, 2000.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

MAALOUF, Amin. **As identidades assassinas**. Tradução de Susana Serras Pereira. Algés/ Portugal: Difel, 1999.

MERCER, Kobena. **Welcome to the jungle**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PAGOTTO, Fábio. Engenheiros e professores refugiados estão entre varredores de ruas de SP. **Folha on line**, 25 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1785591>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

RAMALHO, José Pereirinha. **Desenvolvimento da autonomia e da identidade nos jovens portugueses com experiência migratória**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

RESENDE, Fernando. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. In: **Novos Olhares**. São Paulo: ECA/USP, ano 2, n. 3, 1º semestre 1999, pp. 17-49.

SCHWARTZMAN, Simon. O sentido da interdisciplinaridade. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 32, 1992, pp. 191-198.

VITORIO, Benalva da Silva. **Imigração brasileira em Portugal: identidade e perspectivas**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2007.

_____. **Imigrantes brasileiros e a crise em Portugal**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2015.

_____. Imigrantes brasileiros em Portugal: retrospectiva de percurso. In: **Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar**. Salvador: Editora Pontocom, 2015, pp. 209-226.

_____. A relação do idoso no cotidiano. In: **Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos**. Ano 41 – nº 113, 114 e 115. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2016, pp. 207 – 245.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista

1. Ano em que saiu do país de origem
2. Motivo(s) para sair do país de origem
3. Com quem saiu do país de origem
4. Quando chegou ao Brasil
5. Dificuldades enfrentadas no Brasil
6. Domínio da língua portuguesa
7. Bolsa de estudo
8. Relacionamento com os colegas de classe, com os professores e com os funcionários na universidade
9. Dificuldades no acompanhamento das aulas
10. Inclusão ou exclusão na sala de aula e na universidade

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-204-3

